

DIA DE BETH

BETH DAY

Gelbart Souza Silva

Se Beth pudesse acordar agora, acordaria com mais peso do que o normal. Não em seu corpo gordo, extremamente gordo e horrendo, diziam, mas na mente. Se consciência pesada fosse mensurada em balança, a dela teria toneladas.

Confinada a uma dieta privada das doçuras da vida desde os sete anos de idade, pois fora diagnosticada com uma enfermidade amarga já naquela época, viveu a sua subvida sem gozar dos variados néctares existentes. Pobre mulher de meia idade, solteira, sem filhos, tia de muitos sobrinhos, filha de mãe morta, eremita da seção *ligh diet* dos supermercados.

Esta é Beth.

Beth ansiava o dia em que comeria toda a sorte de guloseimas. Esperava inquieta o dia em que sua doença houvesse cura. Aguardava o avanço da medicina. Ficava a imaginar esses dias, os açucarados dias de sua doce vida.

Mas um dia de mel azedo nasceu. O dia de hoje.

Beth, nesta manhã, ergueu dificilmente da cama, pernas roliças de inchaço, veias grossas e sensíveis, se arrumou e saiu ao supermercado. Lá, para sua revolta, estavam dando de graça amostras de pirulito e jujubas. Passando longe para não sofrer tentações, evitou a tenda coloridíssima e cheia de alegrias. Mas as pessoas com os caramelos mascados e as babas escorrendo da boca não a evitavam.

Afinal, não suspeitavam que estariam matando a mordidinhas o espírito de uma mulher amarga. Beth pegou nas mãos uma gelatina *diet*. Apertou contra o peito de olhos fechados como se imaginasse uma viagem deliciosa, lambeu os beiços secos e secou as bochechas úmidas. Jogou a gelatina de volta para prateleira e, decidida, acelerou seu carrinho por ruas mais saborosas. Como se vozes em sua cabeça reprovassem o que ela fazia, por vezes devolveu as gostosas mercadorias cheias de felicidade em forma de sacarose para o *stand*.

Mas hoje era o dia da Beth. Balançava a cabeça e as pelancas dos braços procurando as suas sortes, sua felicidade fabricada e embalada, envasada em copos ou enlatadas em calda.

No caminho mais longo e proveitoso ao caixa, por vezes, freou o carrinho e fez giros, ora tentando fugir da própria condenação, ora procurando um outro item ainda mais apetitoso.

A caixa, conhecida sua, estranhou tais produtos passando por seu *laser*, e Beth vendo a reação da moça, disse com sorriso feliz:

— É a lista da vizinha, vou levar isso para a Marga.

A moça-caixa fez o seu trabalho religiosamente.

Beth chegou eufórica em casa. Sozinha e solitária, sentou na cozinha, espalhou os doces pela mesa de granito e debruçou sobre eles vorazmente comendo, chupando e bebendo as ambrosias de toda a natureza, divina ou diabólica. Nozes, chocolates, pudins, *shakes*, delícias árabes e portuguesas, *tiramissù*, amendoins, açaí, mousse, pirulito, uma bala...

Comido tudo, sorriu largamente com o coração e todo o corpo dulcificado.

Enfim, via ela, minutos depois, uma formiguinha, cálida e traiçoeira, com seu corpinho preto lúgubre, despontar, na vista embaçada, da janela para dentro.

O sono veio para Beth antes de a tarde acabar.

A primeira formiguinha invasora só serviu de abre-alas para um verdadeiro batalhão de formicídeos desejosos das migalhas das gulodices.

A colônia carregou para seu formigueiro os prêmios da colheita açucarada. Carregaram as migalhas até a última e até o fim da noitinha. Não deixaram nada para trás, a não ser a pobrezinha da Beth, que dormia um longo e leve sono interminável sobre o granito e em meio à relva de embalagens abertas e rasgadas.

O dia da Beth chegou ao fim, inevitável como a seu doce e hipoglicêmica morte.